



P a n o r a m a

INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

Panorama Indústria Farmacêutica

2015



www.cnq.org.br

Diretoria 2013-2017

Presidenta

Lucineide Varjão

Diretores

(em ordem alfabética)

Adilma Oliveira da Silva Pereira, Alex Ricardo Fonseca, Antonio Felipe Goulart, Arlindo Belo da Silva, Aurélio Antônio de Medeiros, Cacilda de Paula Oliveira, Cairo Garcia Corrêa, Carlos Alberto Mota Itaparica, Carlos Alberto Soares Padilha, Cibele Izidoro Fogaça Vieira, Dalva Lúcio de Oliveira, Edilson Souza Santos, Fábio Augusto Lins, Francisco Brito de Freitas, Geralcino Santana Teixeira, Gildásio Silva Ribeiro de Souza, Itamar José Rodrigues Sanches, Jocemir Ribeiro Monteiro, Jorge Alves de Pinho, José Isaac Gomes, José Maria dos Santos Nascimento, José Pinheiro Almeida Lima, Leticia Aida Silva Queiroz, Luciano José da Silva, Lucimar Rodrigues da Silva, Lucíola Conceição dos Santos Semião, Márcio de Paula Cruz, Maria Aparecida Araújo do Carmo, Paulo Antônio Lage, Paulo de Souza Bezerra, Ronaldo Rodrigues de Lima, Rosalina da Silva, Rosemeire Theodoro dos Santos, Rosival Ferreira de Araújo, Sergio Novais, Silvaney Bernardi, Tânia Andrea Lisboa, Valdeli dos Santos Guimarães, Vandrê Jerônimo da Silva

Indústria Farmacêutica

Marilane Oliveira Teixeira - economista e pesquisadora do CESIT/IE/UNICAMP

Rosângela Vieira - DIEESE - Subseção CNQ-FETQUIM

Publicação da CNQ-CUT (Confederação Nacional do Ramo Químico)

www.cnq.org.br

imprensa@cnq.org.br

facebook.com/CNQ-Confederação-Nacional-do-Ramo-Químico

twitter.com/cnqcut

2015

Secretaria de Comunicação

Jornalista responsável: Gislene Madarazo – Mtb 36.373/SP

Diagramação e arte: Maria Cristina Colameo Miyamura

Impressão: NSA

Tiragem: 500



INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

CARACTERIZAÇÃO DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

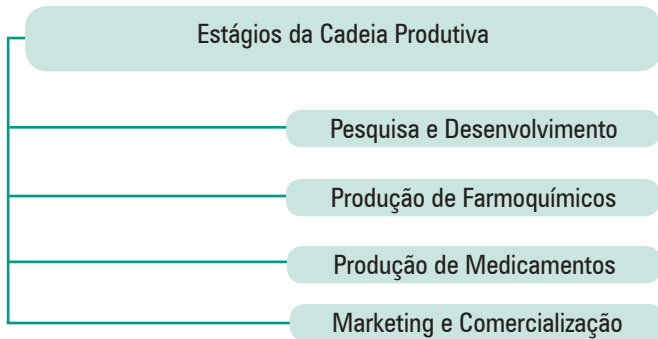
A indústria farmacêutica no Brasil teve o seu início e desenvolvimento no período entre 1890 e 1950, o desenvolvimento inicial da indústria farmacêutica no Brasil tem forte relação com a instituição de saúde pública, as práticas de saúde de prevenção e combate as doenças infecciosas e, em particular, com a instituição de pesquisa básica e aplicada. O setor inclui os segmentos produtores de fármacos (matérias-primas farmacêuticas) e de medicamentos.

A produção de qualquer medicamento depende da produção de fármacos, pois são neles em que o princípio ativo do medicamento está inserido. Portanto, a cadeia farmacêutica envolve a fabricação de substâncias químicas, obtidas por síntese química, utilizadas na preparação de medicamentos. Estes podem ser obtidos pela extração de fitoquímicos de origem vegetal, animal e biotecnologia. Essa cadeia é bastante ampla, compreendendo a fabricação de especialidades farmacêuticas (alopáticas e homeopáticas) inseridas em um conjunto de classes terapêuticas.

Portanto, o setor farmacêutico se sustenta com base em pesquisas e desenvolvimento tecnológico e apresenta quatro estágios evolutivos: pesquisa e desenvolvimento, produção de fitoquímicos, produção de especialidades farmacêuticas, marketing e comercialização das especialidades farmacêuticas.

A indústria fitoquímica, segundo estágio, responsável pela matéria-prima (fármacos) necessária à formulação de medicamentos, está ligada à indústria farmacêutica de forma bastante intrínseca. A indústria farmacêutica é bastante internacionalizada, uma vez que, para a execução dos 3º e 4º estágios da cadeia produtiva, há a necessidade de interação da indústria farmacêutica com os segmentos de embalagens, equipamentos especializados, marketing e distribuição dos produtos às clínicas, farmácias e hospitais, enquanto que a produção de fármacos (indústria fitoquímica) é mais concentrada em determinados centros, como os Estados Unidos, Índia, China e países da Europa.

Esquema 1



Primeiro estágio: pesquisa e desenvolvimento de novos princípios ativos (fármacos) – essa etapa é a responsável pela descoberta de novos Farmoquímicos, exige elevados níveis de capacitação tecnológica, recursos financeiros e envolve grandes riscos, uma vez que nem todos os princípios ativos resultarão em medicamentos com sucesso comercial. Na década de 1980 o desenvolvimento de um novo fármaco representava gastos em pesquisa de US\$ 140 a US\$ 280 milhões, nos anos de 1990 em torno de US\$ 350 milhões e atualmente próximo de US\$ 900 milhões.

Segundo estágio: produção industrial de fármacos - exige capacitação tecnológica, especialmente de processo, conhecimentos específicos de química e do ambiente onde será realizada a manufatura, com gastos de desenvolvimento inferiores ao primeiro estágio.

Terceiro estágio: produção de especialidades farmacêuticas (medicamentos) – trata-se de um estágio de baixa complexidade técnica e equivale à transformação dos fármacos.

Quarto estágio: marketing e comercialização das especialidades - nessa etapa são necessárias altas inversões para a construção da marca no mercado e da própria lealdade do médico e do paciente ao medicamento.

A incorporação de um desses estágios, tanto por uma empresa quanto por um país, significa importante salto nas barreiras competitivas. As grandes empresas

internacionais da indústria farmacêutica operam nos quatro estágios, distribuídas pelos mais diversos países. No Brasil, a maioria das subsidiárias dessas empresas opera no terceiro e quarto estágios, e uma pequena parte no segundo, gerando grande dependência de importação de princípios ativos fundamentais na composição dos medicamentos. Assim, a indústria farmacêutica brasileira importa 80% de seus insumos.

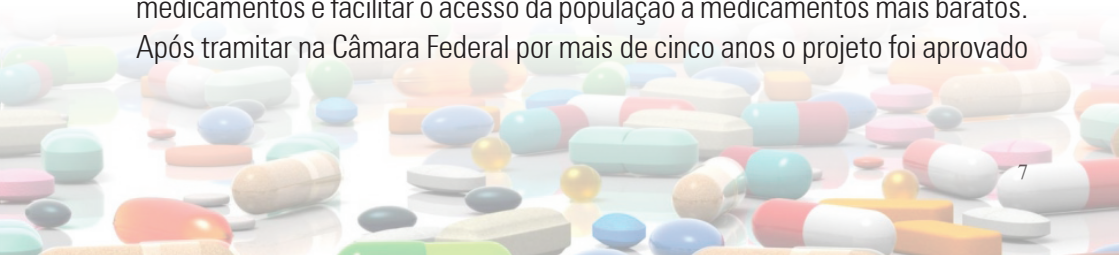
Considerando a legislação de propriedade industrial, os medicamentos podem ser divididos entre os que apresentam patentes e aqueles com patentes expiradas. Internacionalmente, os medicamentos protegidos por patentes são subdivididos em: os que apareceram pela primeira vez no mercado (inovadores); e o medicamento desenvolvido posteriormente, com atividade terapêutica semelhante ao primeiro produto, mas com características químicas diferentes do medicamento inovador.

A indústria farmacêutica adota as patentes como seu instrumento de proteção, pois elas proporcionam um período de vendas em que tem o controle do mercado, gerando retornos que compensam os investimentos e os riscos envolvidos. Até a década de 1990 havia um grande número de países que não reconheciam patentes, o que permitia que empresas locais copiassem produtos existentes, inclusive com patente vigente, criando o segmento dos medicamentos similares.

Ao final da década de 1990, devido principalmente à pressão exercida pelos países centrais, vários deles passaram a proibir os medicamentos similares e aderiram ao Acordo de Propriedade Intelectual, entre eles, o Brasil em 1996.

Já os genéricos são medicamentos comercializados pelos nomes de suas substâncias ativas, sem marca comercial e que tem sua bioequivalência e biodisponibilidade comprovados em relação ao medicamento de referência. Seu surgimento data do início da década de 1960. Em média os genéricos custam de 30 a 50% mais baratos do que os seus medicamentos referência

A política de medicamentos genéricos foi implantada no Brasil em 1999 com o objetivo de estimular a concorrência comercial, melhorar a qualidade dos medicamentos e facilitar o acesso da população a medicamentos mais baratos. Após tramitar na Câmara Federal por mais de cinco anos o projeto foi aprovado



e contou com a colaboração do movimento sindical que ajudou no processo de elaboração. A Lei 9.787 determina que os remédios sejam vendidos pela especificação científica e não somente pela marca, o “nome fantasia” criado pelos laboratórios para veicular suas propagandas.

A maior parte das pesquisas da indústria farmacêutica são orientadas basicamente pelo lucro, o que dá lugar à existência das chamadas doenças negligenciadas. Essas doenças afetam principalmente a população mais pobre dos países em desenvolvimento, que não pode pagar altos preços pelos remédios de que necessita. Assim, a indústria privilegia os investimentos na pesquisa e desenvolvimento de medicamentos para doenças que afetam a população mais rica – mais concentrada nos países desenvolvidos – pode pagar e garantir o retorno dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Dados da OMS sugerem que menos de 10% das verbas para pesquisa são destinadas a 90% dos problemas de saúde do mundo. A indústria farmacêutica americana auferiu lucros extraordinários entre 1988 e 2009 conforme apurou estudo de SPITZ (2010) entre 3-37 vezes superior aos lucros médios da indústria não farmacêutica.

A INDÚSTRIA FARMACÊUTICA INTERNACIONAL

Desde a década de 1990 que a indústria farmacêutica internacional vem passando por uma grande transformação. De um lado, ela se expande para regiões fora de suas fronteiras onde estão sediadas as matrizes, descentralizando não apenas atividades comerciais e industriais, mas também processos de pesquisa e desenvolvimento dos quais resultam inovações. De outro lado, essa expansão tende a concentrar determinadas atividades em alguns países que se especializam em produtos ou em etapas da cadeia produtiva do setor farmacêutico.

Um dos principais reflexos desse movimento é o crescimento dos fluxos globais de comércio internacional de medicamentos e matérias-primas para o setor. O processo de internacionalização da cadeia farmacêutica é impulsionado por diversos fatores, alguns específicos do setor, outros típicos da globalização produtiva. O crescimento da demanda por produtos farmacêuticos tanto nos mercados centrais como nos países emergentes explica em parte esse movimento.

Nesse sentido, uma das principais estratégias da indústria farmacêutica têm sido as fusões e aquisições entre empresas do setor localizadas em países

diversos. A internacionalização do setor também é impulsionada pela crescente terceirização e descentralização dos processos produtivos e inovadores das empresas. É importante destacar o crescimento de serviços voltados para a inovação farmacêutica fora de suas matrizes, muitos dos quais altamente especializados e localizados em outros países. Esse processo também se verifica entre as grandes redes de farmácias e planos de saúde.

As 100 maiores empresas mundiais estão concentradas em 23 países, sendo que 84% em 11 países e 50% do total das empresas e do valor de vendas nos Estados Unidos e Japão, conforme tabela abaixo, seguidas pela Suíça, Alemanha e França. Embora com grande número de empresas a Índia em termos de vendas representa 10% dos resultados do Japão, por exemplo.

Tabela 1 - Distribuição das 100 maiores empresas do setor farmacêutico por país

País	Total de empresas	Vendas - 2012 (US\$ bilhões)	(%) sobre o total
Estados Unidos	28	250.769	37,8
Japão	22	86.360	13,0
Índia	8	9.123	1,4
Alemanha	6	42.145	6,4
Suíça	5	83.566	12,6
Itália	3	3.332	0,5
Dinamarca	3	17.349	2,6
França	3	44.882	6,8
Portugal	3	4.035	0,6
Suíça/EUA	2	9.095	1,4
Coreia do Sul	2	1.445	0,2
Demais países	14	110.838	16,7
Total		662.939	100

Fonte: <http://www.scrip100.com/scrip100.html>

Além disso, as redes internacionais de inovação possibilitam maior integração entre as empresas de testes clínicos, institutos de pesquisas, empresas de biotecnologia, desenvolvedores de softwares e soluções tecnológicas, entre outros.

Na última década as dez maiores empresas multinacionais da indústria farma-

cêutica foram responsáveis por aproximadamente 45% das vendas totais. A maior concentração decorre de um intenso processo de fusões e aquisições no decorrer da última década.

Em termos globais o setor farmacêutico apresentava, em 2012, gastos globais de US\$ 965,4 bilhões conforme pode ser visto na tabela abaixo que apresenta a distribuição dos gastos com o setor por região. O mercado global é fortemente concentrado nos países da tríade (América do Norte, Europa e Japão), que respondem conjuntamente por 86% das vendas mundiais de produtos farmacêuticos. Destes os Estados Unidos é o principal mercado com cerca de 34% do total, seguido do Japão com 11% e da China com 8%.

Contudo, um conjunto de países representados pelo Brasil, Rússia, China e Índia são os que mais crescem ampliando sua participação de 23% entre 2008 e 2012 para 33% entre 2013 e 2017.

Tabela 2 - Gastos por Região e Países – Indústria Farmacêutica

US\$ bilhões	2012	2008-12	2017	2013-17*
Global	965,4	5,4%	1.170-1.200	3-6%
Países desenvolvidos	621,6	2,9%	650 - 680	1-4%
Estados Unidos	328,2	3,0%	350 - 380	1-4%
França	36,7	0,3%	30-40	(-2) -1%
Alemanha	42,1	3,8%	41-51	1-4%
Itália	26,2	2,9%	23-33	0-3%
Espanha	19,9	1,7%	13-23	(-4) -(1)%
Reino Unido	23,9	3,4%	20-30	1-4%
Japão	111,3	3,0%	90-120	2-5%
Canadá	22,0	3,1%	20-30	1-4%
Coreia	11,3	6,3%	10-20	3-6%
Emergentes	223,9	15,0%	370-400	10-13%
China	81,7	22,3%	160-190	14-17%
Brasil	28,5	14,6%	34-48	11-14%
Rússia	17,1	17,7%	23-33	8-11%
Índia	14,0	15,1%	22-32	11-14%
Resto do Mundo	120,00	4,7%	125-155	2-5%

* *Previsão*

Fonte: IMS INSTITUTE FOR HEALTHCARE INFORMATICS, 2013

Para os próximos anos se projeta um crescimento do Brasil da atual posição no ranking mundial, de 6ª (2013) para a 4ª colocação até 2017. Esse desempenho também será seguido por outros países como China e Rússia. Até 2017 entre os cinco maiores mercados, dois tem origem nos países em desenvolvimento. Esse desempenho está relacionado diretamente com o crescimento do mercado de genéricos que vem ampliando sua participação no mercado mundial. Nos países em desenvolvimento esse mercado em 2012 respondia por 58% e até 2017 representará 63%. No mundo as vendas de genéricos vão passar de 27% para 36% entre 2012 e 2017. Nos países desenvolvidos em que o mercado de genéricos representa um percentual menor, a participação crescerá dos atuais 16% para 21% no mesmo período.

Tabela 3 – Ranking mundial do mercado farmacêutico

Rank	2007	2012	2017 (previsão)
1	Estados Unidos	Estados Unidos	Estados Unidos
2	Japão	Japão	China
3	França	China	Japão
4	Alemanha	Alemanha	Brasil
5	China	França	Alemanha
6	Itália	Brasil	França
7	Reino Unido	Itália	Itália
8	Espanha	Reino Unido	Rússia
9	Canadá	Canadá	Reino Unido
10	Brasil	Espanha	Canadá
11	México	Rússia	Índia

Fonte: IMS Institute for Healthcare Informatics, 2013

Uma projeção da consultoria especializada IMS Health prevê que os gastos com medicamentos na América Latina deverão somar US\$ 80 bilhões até o final de 2014. Os países considerados “emergentes” continuam orientando o crescimento do setor. Na América Latina as empresas que lideram em vendas são a SANOFI (França), a EMS (Brasil) e a PFIZER (EUA). Das dez maiores companhias que atuam na região, seis possuem seus negócios alavancados

pelos medicamentos isentos de prescrição, enquanto que sete trabalham com genéricos. Globalmente, de acordo com a IMS, a previsão é de que o mercado de medicamentos movimentará um total de US\$ 1 trilhão em 2014.

Tabela 4 - Ranking mundial das maiores indústrias farmacêuticas - 2012

Empresas	Vendas em US\$ milhões (2012)	Crescimento 2012/2011	Origem da empresa
Pfizer	51,214	-11,3	Estados Unidos
Sanofi	42,127	-3,4	França
Novartis	41,411	-2,7	Suíça
Merck & Co	40,601	-1,7	Estados Unidos
Roche	37,585	1,6	Suíça
Glaxo Smithkline	33,790	-4,7	Reino Unido
AstraZeneca	27,973	-16,7	Anglo-sueca
Johnson & Johnson	25,351	4,0	Estados Unidos
Abbott Laboratórios	23,133	3,1	Estados Unidos
Lilly	20,567	-9,0	Estados Unidos
Teva	20,317	10,9	Israel
Bristol – Myers Squibb	17,621	-17,1	Estados Unidos
Takeda	17,522	2,8	Japão
Amgen	16,639	8,8	Americana
Boehringer Ingelheim	14,662	4,4	Alemanha

Fonte: [HTTP://www.scrip100.com/scrip100.html](http://www.scrip100.com/scrip100.html)

Ainda que formado por grandes empresas, a indústria farmacêutica mundial comporta milhares de empresas nos mercados em que atuam, o que permite a participação de empresas de pequeno porte são os nichos de mercado. Alguns exemplos desses mercados são dados pela produção de medicamentos com designação genérica e certificados, medicamentos fora de patentes com marca comercial ou fármacos fora de patentes para empresas formuladoras independentes (Gadelha, 2002).

INVESTIMENTOS NO SETOR

O setor demanda vultosos gastos em pesquisa e desenvolvimento. A indústria farmacêutica destina para P&D em torno de 19% das vendas. Estima-se que atualmente sejam necessários cerca de US\$ 890 milhões para o desenvolvimento de um novo medicamento (Febrapharma, 2008). Entretanto há um grande questionamento sobre o que é classificado pela indústria como gasto com P&D e com marketing (Gadelha, 2007). Esta controvérsia ocorre porque o objetivo do processo competitivo volta-se para o lançamento de novos produtos, o que envolve tanto atividades de P&D quanto de marketing.

Em geral, para as grandes empresas da indústria, as “Big Pharma”, estima-se que os mesmos representem o dobro dos gastos alocados em P&D. As atividades de maior intensidade tecnológica tendem a se concentrar nos países desenvolvidos, em 2004, Estados Unidos e Europa (20 empresas farmacêuticas) respondiam por cerca de 90% dos gastos globais de P&D da indústria farmacêutica.

Os dispêndios em atividades de P&D como percentual das vendas das empresas do setor farmacêutico que mais investem em atividades de P&D em âmbito internacional (de 15% em média) são expressivamente superiores ao dispêndio em P&D das empresas da indústria farmacêutica no Brasil que, de acordo com os dados da PINTEC foram, em média, equivalentes a 0,7% da Receita Líquida de Vendas em 2005. Uma das principais empresas do setor, a Pfizer (EUA), por exemplo, apresentou em 2006 um investimento de cerca de US\$ 2 bilhões em atividades de P&D, montante equivalente a 57% dos seus lucros operacionais e 14,5% da receita de vendas. Tal investimento representa um montante que é, aproximadamente, 15x superior ao investimento total em atividades inovativas efetuados por empresa do setor farmacêutico no Brasil no mesmo período (Projeto PIB, 2009).

PRINCIPAIS TENDÊNCIAS INTERNACIONAIS NO INVESTIMENTO

Mudanças associadas aos vetores de crescimento do mercado global de produtos farmacêuticos



De acordo com estimativas recentes as vendas de produtos farmacêuticos nos principais mercados emergentes devem atingir um montante de US\$ 300 bilhões até 2017, o que corresponde ao total das vendas conjuntas nos cinco principais mercados da Europa e América do Norte. Essa alteração nos vetores está condicionada por pressões competitivas e mudanças no ambiente regulatório americano que estão associadas a crescente pressão pelo controle de gastos com a saúde (públicos e privados); a expiração de patentes de produtos de marca; as crescentes pressões por controle de custos e crescentes restrições no âmbito da legislação de segurança e de saúde.

Aumento nas pressões competitivas enfrentadas pelos grandes laboratórios farmacêuticos decorrentes da concentração no vencimento de patentes

No que se refere ao vencimento de patentes, esse processo se iniciou em 2001 com a expiração do Prozac da Eli Lilly e do Prisolet da AstraZeneca que, no seu apogeu, gerou um valor de US\$ 6 bilhões ao ano. A patente do Claritin, medicamento que era responsável por um terço do faturamento da Schering-Plough, expirou em 2002. Até 2017 a expiração de patentes para os países desenvolvidos representará uma economia de gastos para os contribuintes de US\$ 113 bilhões e um acréscimo de US\$ 40 bilhões nos gastos com produtos genéricos.

Levantamento da Associação Brasileira das Indústrias de Medicamentos Genéricos, a Pró Genéricos, revela que até o final de 2014 dez novos medicamentos de referência (inovadores) devem ter suas patentes vencidas. Esses produtos registraram receita acumulada nos últimos 12 meses de R\$761,6 milhões no varejo farmacêutico brasileiro. Os dados são do IMS Health, instituto que audita o mercado farmacêutico no Brasil e no mundo. A mesma fonte prevê que a expiração de patentes poderá causar uma perda de US\$ 106 bilhões entre 2014 e 2016 nas vendas de medicamentos.

Quadro 1 – Medicamentos com patentes expiradas entre 2014 e 2016

Classe Terapêutica	Observações
Disfunção Erétil	Entre os novos genéricos que chegarão às prateleiras das farmácias, o destaque fica por conta do medicamento para disfunção erétil Cialis (Tadalafila) do laboratório Eli Lilly com vendas acumuladas no valor de R\$ 255,8 milhões.
Analgésico	Outro produto relevante para a indústria de genéricos é o analgésico Cymbalta (Duloxetina), também do Eli Lilly. O produto registrou vendas no acumulado entre setembro de 2012 e agosto de 2013 de R\$167,9 milhões.
Antinflamatório	A lista, por ordem de importância, segue com o Celebra (Celecoxibe), antiinflamatório da Pfizer que registrou vendas acumuladas no mesmo período de R\$53,8 milhões.
Antibiótico	O antibiótico Avalox (Moxifloxacino), da Bayer, que movimentou nos últimos 12 meses R\$46,1 milhões também deverá a partir de 2014 disponível para a fabricação de genéricos. A lista conta, ainda, com outros produtos importantes, como o antiinflamatório Arcoxia, produzidos pela Merck Sharp & Dohme. Responsável pela receita anual de R\$34,8 milhões, o produto sempre ocupou a liderança nas vendas desse segmento.
Mal de Alzheimer	O tratamento do Mal de Alzheimer também contará com um novo genérico. Trata-se da Galantamina, princípio ativo do Reminyl ER, do laboratório Janssen-Cilag. O produto movimentou nos últimos 12 meses R\$15,7 milhões.
Hipertensão	A hipertensão deverá ganhar mais dois reforços no extenso arsenal de genéricos disponíveis para o controle da doença: o Nebilet (Nebivolol), da Biolab Sanus; e o Rasilez (Alisquireno), da Novartis. Ambos os produtos movimentaram nos últimos 12 meses R\$ 43,1 milhões e R\$ 22,1 milhões, respectivamente.
Aumento da Próstata	Outro destaque é o Avodart (Duasterida), da GlaxoSmithKline, indicado para o tratamento e previne a progressão da Hiperplasia Prostática Benigna (HPB), receita acumulada nos últimos 12 meses de R\$ 31,6 milhões.
Tratamento de leucemia	Glivec – medicamento comercializado pela Novartis com patente que expira entre 2015 e 2016 nos Estados Unidos e na Europa.

Fonte: PróGenéricos

Declínio na produtividade das atividades de P&D: redução no ritmo de registro de novos produtos com características inovadoras

A baixa produtividade da P&D por parte dos grandes laboratórios farmacêuticos. Dos 78 medicamentos aprovados pela FDA (Food and Drug Administration) em 2002, somente 17 continham novos princípios ativos, e apenas sete deles foram classificados por aquela agência como aperfeiçoamentos em relação a medicamentos mais antigos (Angell, 2007) As empresas farmacêuticas vêm tendo dificuldades de repor seus produtos campeões de vendas.

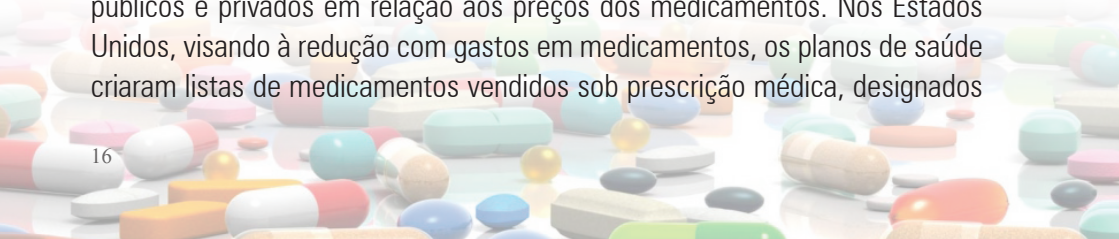
Com alternativa verifica-se uma tendência crescente de externalização das atividades de P&D pelas grandes empresas farmacêuticas. Trata-se de um grande esforço voltado a redução de custos através da realocação de determinados serviços de P&D e testes clínicos para economias em desenvolvimento. Dessa forma, a externalização das atividades de P&D continua restrita às atividades rotineiras que envolvem o uso extensivo de mão de obra não qualificada e que não demandam uma articulação estreita com outros estágios do processo de pesquisa das empresas.

Crescente competição dos medicamentos genéricos; intensificação no processo de fusões e aquisições entre empresas produtoras de medicamentos genéricos

Em 2008 dois terços das prescrições médicas nos EUA incidiam sobre medicamentos genéricos, assim como na Alemanha, Japão, Espanha e Itália há igualmente um crescente uso destes medicamentos. Atualmente os genéricos representam 27% dos gastos e as previsões apontam para um crescimento desse mercado atingindo a participação de 36% até 2017. As pressões de competitividade neste segmento têm levado a uma intensificação no número de fusões e aquisições entre as empresas que atuam no segmento de genéricos.

Mudanças no Marco Regulatório associados às pressões crescentes de consumidores

As crescentes pressões tanto dos consumidores em geral como de órgãos públicos e privados em relação aos preços dos medicamentos. Nos Estados Unidos, visando à redução com gastos em medicamentos, os planos de saúde criaram listas de medicamentos vendidos sob prescrição médica, designados



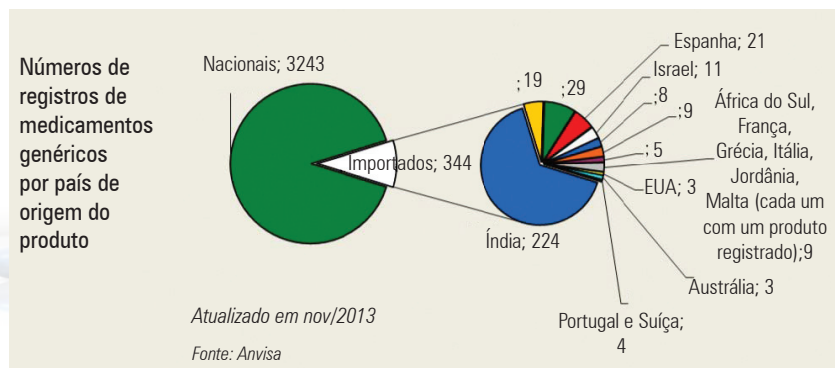
protocolos, que instituíram cobertura total para genéricos, cobertura parcial para medicamentos de marca úteis e nenhuma cobertura para medicamentos de alto preço que não apresentam vantagens adicionais relativamente aos medicamentos mais baratos. Somam-se ainda as crescentes investigações governamentais e processos civis e criminais que a indústria vem enfrentando, tais como: superfaturamento na venda a órgãos públicos, conluio com fabricantes de genéricos, promoção ilegal de medicamentos para usos não aprovados e envolvimento em propaganda enganosa (Angell, 2007 apud Vargas, 2009).

A INDÚSTRIA FARMACÊUTICA NACIONAL

Tradicionalmente o mercado farmacêutico no Brasil era segmentado da seguinte maneira: as empresas de capital estrangeiro fabricavam e comercializavam produtos inovadores (também chamados de produtos de marca) e as empresas de capital nacional responsáveis pela produção e venda de produtos genéricos ou similares, aqueles cujas patentes já haviam expirado.

A participação das empresas brasileiras no mercado farmacêutico aumentou de 33,8% para 41,6% em 2007 e 50% em 2012. As americanas caíram de 23,9% para 18,8% no mesmo período. Esse crescimento decorre principalmente do segmento de produção de medicamentos genéricos. Em 2000 foram registrados os seis primeiros medicamentos genéricos no país, até novembro de 2013 haviam 3587 medicamentos genéricos registrados no Brasil, sendo 3243 nacionais e 344 importados. Cerca de 90% do volume vendido de medicamentos genéricos no mercado brasileiro é de empresa de capital nacional. O capital indiano é o segundo mais representativo com 6,2% de participação.

Gráfico 1 – Registro de medicamentos genéricos por país



Assim sendo, as empresas nacionais ampliaram a sua participação no mercado brasileiro, atualmente das 10 maiores empresas que atuam no Brasil, 50% são nacionais e respondem por mais de 20% do faturamento do setor. A Hypermarcas lidera o ranking, atua na área de consumo e de produtos farmacêuticos e se expandiu através da aquisição de outras empresas. A segunda no ranking das nacionais é a EMS, primeira empresa a produzir medicamentos genéricos no Brasil, seguidas pela Eurofarma e Aché. Essas quatro empresas detêm juntas 75% do mercado.

Tabela 5 – As 10 maiores empresas da indústria farmacêutica no Brasil por vendas - 2013

Ranking	Empresas	Vendas (R\$ reais)	Origem do capital
1	Hypermarcas	4.451,4	Nacional
2	Novartis	2.573,6	Estrangeiro (suíço)
3	Roche	2.469,1	Estrangeiro (suíço)
4	EMS	1.896,6	Nacional
5	Eurofarma	1.730,0	Nacional
6	Aché	1.375,8	Nacional
7	Merck	1.106,2	Estrangeiro (alemão)
8	DSM/Tortuga	1.042,0	Estrangeiro (holandês)
9	Astra Zeneca	1.006,4	Estrangeiro (anglo sueco)
10	União Química	597,1	Nacional

Fonte: Exame – Melhores e Maiores - edição 2014

O crescimento das empresas nacionais vem sendo reforçado tanto por investimentos em expansão da capacidade produtiva, quanto por aquisições de outras empresas. A construção da unidade de Itapevi da Eurofarma e a aquisição Sintefina pela Biolab são exemplos disso. As estratégias mais agressivas de integração vertical para trás não são consideradas viáveis no momento atual e, neste caso, por problemas de escala.



Ademais, os insumos são amplamente disponíveis no mercado internacional a preços extremamente competitivos. O controle da qualidade dos mesmos é feito por políticas de certificação de fornecedores como é o caso da empresa Medley. Entretanto, existe a possibilidade de realização de fusões para a constituição de grandes empresas farmacêuticas nacionais.

A competição no segmento de genéricos se dá principalmente via custos de produção e estrutura de distribuição, enquanto que entre os medicamentos patenteados ocorre através da diferenciação de produtos e a preços superiores aos que seriam praticados em mercados concorrenciais.

Quadro 2 - Aquisições realizadas na indústria farmacêutica no período recente

Ano	Adquirente	Adquirida
2005	Ache	Astamédica Biosintética
2005	Biolab	Dalmatia Sintefina
2005	Libbs	Mayne Pharma do Brasil
2006	Astrazeneca	Cambridge Antibody
2006	Bayer	Schering
2009	Sanofi-Aventis	Medley
2009	Pfizer	Neo Química
2009	Merck - CO	Schering Plough
2009	Roche	Gerentech
2009	Pfizer	Wyeth
2013	União química	Unidade da Novartis em São Paulo

As maiores detentoras de registros de medicamentos genéricos são: EMS, Sigma Pharma e Medley.



Quadro 3 - Registros de medicamentos genéricos por empresas detentora, 2014

Empresa detentora	Número de registros
EMS	376
Sigma Pharma	279
Medley	209
Nature's Plus	182
Eurofarma	172
Prati Donaduzzi	163
Germed	160
Teuto	152
Legrand	136
Biosintética	126

Fonte: Anvisa, 2014

Os gastos per capita do Brasil com medicamentos são baixos em comparação com um conjunto de países.

Tabela 6 - Gastos per capita com medicamentos em países selecionados

Ano: 2007 – 2012 (em US\$)

País	2007	2012
Argentina	75	123
Brasil	69	99
México	105	134
Venezuela	138	317
China	12	20
Índia	8	12

Fonte: IMS HEALTH, MIDAS, MAT

COMÉRCIO INTERNACIONAL

Nos últimos anos o setor vem passando por um movimento intenso de consolidação com o fortalecimento de algumas empresas nacionais, através de

incentivos por parte do governo federal para promover a fabricação e o desenvolvimento de medicamentos no país. Um dos aspectos desse movimento é o crescimento das exportações de produtos farmacêuticos do Brasil, sobretudo para países da América Latina.

O Brasil concentra a produção de linhas globais de empresas multinacionais no país, de onde são fornecidas para todo o mundo. Trata-se fundamentalmente de comércio intrafirma, não apenas de produtos finais, mas também de insumos, matérias-primas, materiais para embalagens etc. Além disso, empresas de capital nacional expandem suas operações para além das fronteiras brasileiras, a exemplo da Eurofarma.

O saldo comercial da balança comercial brasileira, por outro lado, é tradicionalmente deficitário. No ano de 2014 este saldo obteve ligeira queda, em relação ao ano anterior, impactado, especialmente, pelo aumento das exportações.

Tabela 7: Balança Comercial Indústria Farmacêutica*, em US\$ milhões FOB

Ano	Exportação	Importação	Saldo
2010	1.276,19	6.092,90	-4.816,71
2011	1.453,35	6.499,18	-5.045,84
2012	1.494,77	6.842,74	-5.347,97
2013	1.516,02	7.421,62	-5.905,60
2014	1.569,85	7.426,68	-5.856,83

* Capítulo 30 NCM

Fonte: AliceWeb - MDIC

Em 2014, o principal destino das exportações brasileiras de produtos farmacêuticos foi a América Latina, responsável por mais de 43% do total exportado. Já as importações, são originadas sobretudo de países desenvolvidos, apenas a Alemanha, EUA e Suíça respondem por mais de 48% das importações brasileiras, como é possível verificar a seguir:



Tabela 8: Exportações e importações de produtos farmacêuticos por país, 2014

Destino das exportações brasileiras de produtos farmacêuticos, 2014 (%)		Origem das importações brasileiras de produtos farmacêuticos, 2014 (%)	
Dinamarca	21,2%	Alemanha	18,9%
Venezuela	13,8%	Estados Unidos	18,7%
Estados Unidos	11,4%	Suíça	11,0%
Argentina	9,6%	França	6,6%
México	5,5%	Itália	6,2%
Colômbia	4,9%	Bélgica	4,6%
Panamá	3,9%	Irlanda	4,1%
Chile	3,3%	Reino Unido	3,8%
Equador	2,6%	Índia	3,0%
Bélgica	1,8%	Áustria	2,0%

Fonte: AliceWeb - MDIC

TENDÊNCIAS DO INVESTIMENTO NO BRASIL

Com a abertura econômica e comercial, e valorização do câmbio e liberação de preços dos anos de 1990 a indústria tornou-se dependente das importações. No âmbito das estratégias globais das empresas multinacionais, unidades farmacêuticas foram desativadas. Estima-se, atualmente, que a produção local de fármacos represente apenas 17% da demanda nacional (Abiquif, 2008).

O déficit na balança comercial de produtos farmacêuticos correspondia a cerca de US\$ 700 milhões em 1996, esse déficit atingiu US\$ 1,47 bilhão em 2014, sendo que mais da metade dessas importações são provenientes da China (32,5%), Alemanha (14,4%) e França (8,9%).

O mercado brasileiro conta atualmente com 600 empresas, entre laboratórios, importadoras e distribuidoras. Apenas a presença de grandes empresas cresceu de forma significativa, especialmente as empresas nacionais no decorrer da última década.

A INDÚSTRIA FARMACÊUTICA VETERINÁRIA BRASILEIRA

O mercado farmacêutico veterinário mundial atingiu US\$ 22,5 bilhões em 2012, com crescimento médio de 8% ao ano desde 2002. O crescimento da demanda

mundial tem sido liderado pelo segmento de animais de companhia (pets), atualmente representa 40% do mercado, sendo o restante destinado a animais de produção (IFAH, 2013). Os maiores produtores e os maiores mercados veterinários do mundo são Estados Unidos e Brasil com participações de 40% e 8%, respectivamente. Como se pode observar apenas três (Idexx, Virbac e Ceva) atuam exclusivamente no mercado de saúde animal, as demais são divisões de saúde animal de grandes grupos farmacêuticos com foco em saúde humana.

Tabela 9 – Ranking global das indústrias farmacêuticas de saúde animal por faturamento, 2012

Empresas	Origem	Faturamento (US\$ bilhões)	Participação
Zoetis – Pfizer	EUA	4,3	19,1
MSD	EUA	3,4	15,1
Merial (Sanofi)	França	2,8	12,5
Elanco (Eli Lilly)	EUA	2,0	9,1
Bayer	Alemanha	1,68	7,4
Boehringer	Alemanha	1,37	6,1
Idexx Laboratories	EUA	1,29	5,7
Novartis	Suíça	1,09	4,8
Virbac	França	0,89	4,0
Ceva Santé Animale	França	0,78	3,5
Total 10 maiores		19,64	87,3
Total mercado		22,50	100,0

Fonte: BNDES – Informe setorial

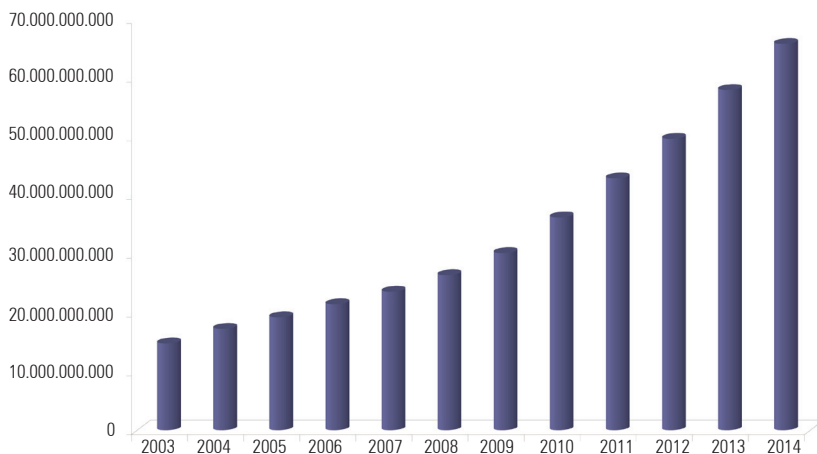
DESEMPENHO DAS VENDAS DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA NO BRASIL

Entre 2003 e 2014 a indústria farmacêutica no Brasil cresceu 345%, passou de R\$ 14.780 bilhões para R\$ 65.785 bilhões. Em unidades o crescimento foi de 155%.



Gráfico 2 – Mercado farmacêutico brasileiro (Canal Farmácia)

Vendas em Reais (R\$)

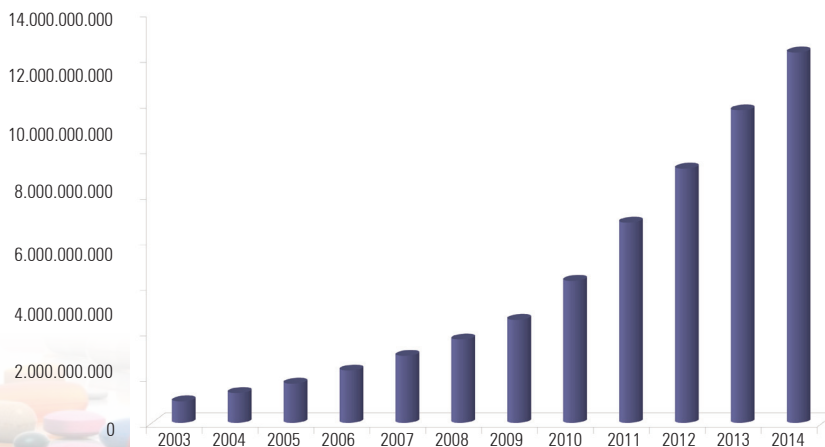


Fonte: Sindusfarma

DESEMPENHO DA INDÚSTRIA DE GENÉRICOS NO BRASIL

Entre 2003 e 2014 a produção de genéricos no Brasil cresceu 72%, passou de R\$ 943.708 milhões para R\$ 16.249 bilhões, em unidades o crescimento foi de 817%. Em vendas o setor representa 25% das vendas totais da indústria farmacêutica no Brasil.

Gráfico 3 – Mercado farmacêutico brasileiro de genéricos (Canal Farmácia), Vendas em Reais (R\$)



Fonte: Sindusfarma

POLÍTICAS INDUSTRIAIS PARA O SETOR FARMACÊUTICO

A atuação do BNDES no apoio à cadeia farmacêutica se iniciou a partir de 2004, com o lançamento do BNDES PROFARMA. O resultado consolidado do apoio direto reembolsável do BNDES foi de R\$ 2,7 bilhões em financiamento em um total de 110 projetos desde 2004.

Ações e programas do BNDES – Nessa etapa (PROFARMA III) os recursos serão destinados com o objetivo de fortalecer e capacitar as empresas para o desenvolvimento de biomedicamentos no valor de R\$ 5 bilhões.

O lançamento do INOVASAÚDE – este programa é novo e está inserido no contexto INOVA EMPRESA – voltado para a indústria de equipamentos, biofármacos e fármacos com o objetivo de desenvolver novas gerações de equipamentos, combina subvenções, crédito e recursos não reembolsáveis no valor de **R\$ 600 milhões e envolve a FINEP, BNDES e MS**. Os recursos para crédito no valor de 1,9 bilhão com taxas de juros entre 2,5 – 3,5% carência de 48 meses e prazo total de 120 meses.

O programa **INOVAEMPRESA receberá R\$ 32,9 bilhões** - prioridades: especialização setorial. A saúde é o setor que mais inova - 30% de inovação no mundo é desenvolvido pela indústria da saúde.

MEDIDAS DE POLÍTICA INDUSTRIAL ADOTADAS PELO GOVERNO FEDERAL

Em relação as compras governamentais a margem de preferência poderá chegar a 25%. Ou seja, para estimular a produção nacional o governo poderá adquirir produtos nacionais até 25% mais caros do que os importados, no caso da indústria farmacêutica se aplica para o setor medicamentos com margem de 8%; fármacos com margem de 20% e biofármacos com margem de 25%. As medidas são validas até 2020.

A lei de acesso a biodiversidade com o objetivo de promover o desenvolvimento de novas tecnologias e produtos em diversos setores da economia brasileira, em especial nas indústrias farmacêuticas, química fina, higiene pessoal e perfumaria, biotecnologia, produtos de limpeza e insumos agrícolas.

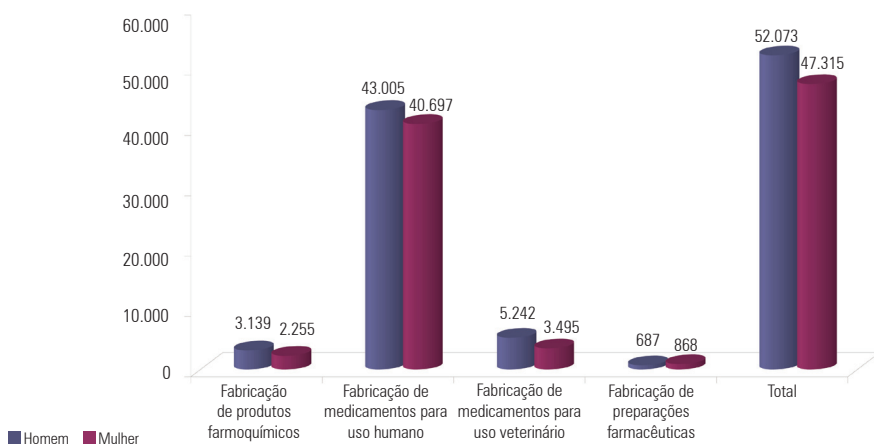
A última medida, adotada, em junho de 2014, foi a ampliação da lista de insumos com redução de PIS/COFINS (Imposto Federal). A lista é composta por 174 itens

isso representa 75% dos medicamentos vendidos no Brasil, o impacto pode chegar a 12% no produto final.

PERFIL DOS/AS TRABALHADORES/AS DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS FARMACÊUTICOS

O setor é composto, conforme classificação da CNAE (Classificação Nacional por Atividade Econômica), por 4 segmentos: fabricação de produtos farmacêuticos, fabricação de medicamentos para uso humano, uso veterinário e fabricação de preparações farmacêuticas. O setor totaliza 99.388 trabalhadores/as, sendo que 47% são mulheres.

Gráfico 4 – Distribuição do emprego por segmento e sexo



Fonte: RAIS/2013 – Ministério do Trabalho e do Emprego

A região Sudeste concentra o maior número de trabalhadores/as, 72,6%, seguida pela região Centro-Oeste com 13,0%. A região Sul concentra 8,5% e as regiões Nordeste e Norte com os demais 5,9%. As mulheres são maioria nas regiões Norte e Sul, na região Centro-Oeste há praticamente uma igualdade entre os gêneros, a participação das mulheres é de 49,9% do total da força de trabalho. Já nas regiões Sudeste e Nordeste, os percentuais são de 46,6% e 40,6%, respectivamente. Em apenas um dos segmentos as mulheres predominam, o de fabricação de preparações farmacêuticas, com 55,8%.

Tabela 10 – Distribuição do emprego por região, segmentos da indústria farmacêutica e sexo

Norte	H	M	Total	M/T
Fabricação de produtos farmoquímicos	26	25	51	49,0%
Fabricação de medicamentos para uso humano	69	108	177	61,0%
Fabricação de medicamentos para uso veterinário	4	4	8	50,0%
Fabricação de preparações farmacêuticas	2	11	13	84,6%
Total	101	148	249	59,4%
Nordeste	H	M	Total	M/T
Fabricação de produtos farmoquímicos	112	75	187	40,1%
Fabricação de medicamentos para uso humano	3.084	2.102	5.186	40,5%
Fabricação de medicamentos para uso veterinário	128	94	222	42,3%
Fabricação de preparações farmacêuticas	2	0	2	0,0%
Total	3.326	2.271	5.597	40,6%
Sudeste	H	M	Total	M/T
Fabricação de produtos farmoquímicos	2.427	1.598	4.025	39,7%
Fabricação de medicamentos para uso humano	31.025	28.386	59.411	47,8%
Fabricação de medicamentos para uso veterinário	4.506	2.936	7.442	39,5%
Fabricação de preparações farmacêuticas	573	694	1.267	54,8%
Total	38.531	33.614	72.145	46,6%
Sul	H	M	Total	M/T
Fabricação de produtos farmoquímicos	273	282	555	50,8%
Fabricação de medicamentos para uso humano	2.796	4.010	6.806	58,9%
Fabricação de medicamentos para uso veterinário	467	378	845	44,7%
Fabricação de preparações farmacêuticas	95	158	253	62,5%
Total	3.631	4.828	8.459	57,1%
Centro-Oeste	H	M	Total	M/T
Fabricação de produtos farmoquímicos	301	275	576	47,7%
Fabricação de medicamentos para uso humano	6.031	6.091	12.122	50,2%
Fabricação de medicamentos para uso veterinário	137	83	220	37,7%
Fabricação de preparações farmacêuticas	15	5	20	25,0%
Total	6.484	6.454	12.938	49,9%



Brasil	H	M	Total	M/T
Fabricação de produtos farmoquímicos	3.139	2.255	5.394	41,8%
Fabricação de medicamentos para uso humano	43.005	40.697	83.702	48,6%
Fabricação de medicamentos para uso veterinário	5.242	3.495	8.737	40,0%
Fabricação de preparações farmacêuticas	687	868	1.555	55,8%
Total	52.073	47.315	99.388	47,6%

Fonte: RAIS/2013 – Ministério do Trabalho e do Emprego

A distribuição por faixa etária indica grande concentração nas faixas de 25 a 39 anos para homens e mulheres. Os percentuais de trabalhadores/as até 24 anos se aproximam bastante com o perfil daqueles acima de 40 anos em termos percentuais, ou seja, trata-se de um setor com faixa etária bastante jovem e com baixíssimos percentuais acima de 50 anos.

Tabela 11 - Distribuição dos/as trabalhadores/as por faixa etária

Fabricação de produtos farmoquímicos				
	Homens	%	Mulheres	%
10 A 14	0	0,0%	2	0,1%
15 A 17	18	0,6%	21	0,9%
18 A 24	460	14,7%	325	14,4%
25 A 29	492	15,7%	463	20,5%
30 A 39	1065	33,9%	838	37,2%
40 A 49	710	22,6%	447	19,8%
50 A 64	369	11,8%	153	6,8%
65 ou mais	25	0,8%	6	0,3%
Total	3139	100,0%	2255	100,0%
Fabricação de medicamentos para uso humano				
	Homens	%	Mulheres	%
10 A 14	5	0,0%	1	0,0%
15 A 17	241	0,6%	188	0,5%
18 A 24	5903	13,7%	5624	13,8%
25 A 29	7676	17,8%	8902	21,9%
30 A 39	15633	36,4%	16717	41,1%
40 A 49	9308	21,6%	6843	16,8%
50 A 64	4007	9,3%	2335	5,7%
65 ou mais	232	0,5%	87	0,2%
Total	43005	100,0%	40697	100,0%

Fabricação de medicamentos para uso veterinário				
	Homens	%	Mulheres	%
10 A 14	0	0,0%	0	0,0%
15 A 17	34	0,6%	26	0,7%
18 A 24	846	16,1%	498	14,2%
25 A 29	951	18,1%	753	21,5%
30 A 39	1847	35,2%	1389	39,7%
40 A 49	1016	19,4%	575	16,5%
50 A 64	504	9,6%	244	7,0%
65 ou mais	44	0,8%	10	0,3%
Total	5242	100,0%	3495	100,0%
Fabricação de preparações farmacêuticas				
	Homens	%	Mulheres	%
10 A 14	0	0,0%	0	0,0%
15 A 17	4	0,6%	4	0,5%
18 A 24	96	14,0%	120	13,8%
25 A 29	122	17,8%	206	23,7%
30 A 39	261	38,0%	345	39,7%
40 A 49	136	19,8%	141	16,2%
50 A 64	64	9,3%	52	6,0%
65 ou mais	4	0,6%	0	0,0%
Total	687	100,0%	868	100,0%
Total				
	Homens	%	Mulheres	%
10 A 14	5	0,0%	3	0,0%
15 A 17	297	0,6%	239	0,5%
18 A 24	7305	14,0%	6567	13,9%
25 A 29	9241	17,7%	10324	21,8%
30 A 39	18806	36,1%	19289	40,8%
40 A 49	11170	21,5%	8006	16,9%
50 A 64	4944	9,5%	2784	5,9%
65 ou mais	305	0,6%	103	0,2%
Total	52073	100,0%	47315	100,0%

Fonte: RAIS/2013 – Ministério do Trabalho e do Emprego

A escolaridade dos/as trabalhadores/as é bastante elevada, em torno de 37,2% possuem ensino superior completo, o resultado para as mulheres é superior em alguns segmentos como o de produtos farmoquímicos em que 45,0% detém ensino superior completo.

Tabela 12 – Distribuição dos/as trabalhadores/as por escolaridade

	Escolaridade	Homens	%	Mulheres	%
Fabricação de produtos farmoquímicos	Analfabeto	1	0,0%	4	0,2%
	Até 5ª Incompleto	21	0,7%	8	0,4%
	5ª Completo Fundamental	39	1,2%	8	0,4%
	6ª a 9ª Fundamental	85	2,7%	28	1,2%
	Fundamental Completo	169	5,4%	91	4,0%
	Médio Incompleto	192	6,1%	89	3,9%
	Médio Completo	1480	47,1%	852	37,8%
	Superior Incompleto	217	6,9%	161	7,1%
	Superior Completo	935	29,8%	1014	45,0%
	Total		3139	100,0%	2255
Fabricação de medicamentos para uso humano	Escolaridade	Homens	%	Mulheres	%
	Analfabeto	24	0,1%	10	0,0%
	Até 5ª Incompleto	272	0,6%	179	0,4%
	5ª Completo Fundamental	379	0,9%	371	0,9%
	6ª a 9ª Fundamental	762	1,8%	727	1,8%
	Fundamental Completo	1350	3,1%	1340	3,3%
	Médio Incompleto	2033	4,7%	1954	4,8%
	Médio Completo	17844	41,5%	16978	41,7%
	Superior Incompleto	4220	9,8%	3568	8,8%
	Superior Completo	16121	37,5%	15570	38,3%
Total		43005	100,0%	40697	100,0%
Fabricação de medicamentos para uso veterinário	Escolaridade	Homens	%	Mulheres	%
	Analfabeto	5	0,1%	3	0,1%
	Até 5ª Incompleto	69	1,3%	35	1,0%
	5ª Completo Fundamental	56	1,1%	32	0,9%
	6ª a 9ª Fundamental	159	3,0%	95	2,7%
	Fundamental Completo	294	5,6%	132	3,8%
	Médio Incompleto	308	5,9%	178	5,1%
	Médio Completo	2488	47,5%	1484	42,5%
	Superior Incompleto	304	5,8%	325	9,3%
	Superior Completo	1559	29,7%	1211	34,6%
Total		5242	100,0%	3495	100,0%

	Escolaridade	Homens	%	Mulheres	%
Fabricação de preparações farmacêuticas	Analfabeto	0	0,0%	0	0,0%
	Até 5ª Incompleto	4	0,6%	4	0,5%
	5ª Completo Fundamental	10	1,5%	6	0,7%
	6ª a 9ª Fundamental	21	3,1%	11	1,3%
	Fundamental Completo	24	3,5%	32	3,7%
	Médio Incompleto	30	4,4%	22	2,5%
	Médio Completo	316	46,0%	378	43,5%
	Superior Incompleto	56	8,2%	69	7,9%
	Superior Completo	226	32,9%	346	39,9%
	Total	687	100,0%	868	100,0%
	Escolaridade	Homens	%	Mulheres	%
Total	Analfabeto	30	0,1%	17	0,0%
	Até 5ª Incompleto	366	0,7%	226	0,5%
	5ª Completo Fundamental	484	0,9%	417	0,9%
	6ª a 9ª Fundamental	1027	2,0%	861	1,8%
	Fundamental Completo	1837	3,5%	1595	3,4%
	Médio Incompleto	2563	4,9%	2243	4,7%
	Médio Completo	22128	42,5%	19692	41,6%
	Superior Incompleto	4797	9,2%	4123	8,7%
	Superior Completo	18841	36,2%	18141	38,3%
	Total	52073	100,0%	47315	100,0%

Fonte: RAIS/2013 – Ministério do Trabalho e do Emprego

Embora apresentando escolaridade mais elevada as mulheres em média recebem salários menores aos dos homens. Na produção de farmoquímicos o salário corresponde a 94,5%; no setor de medicamentos para uso humano, 71,0%; para uso veterinário, 71,3% e preparações farmacêuticas a diferença é de 71,8%. Essas diferenças também podem ser constatadas quando se analisam os dados por região.



Tabela 13 - Distribuição dos trabalhadores/as por remuneração média

Norte	Homens	Mulheres	M/H
Fabricação de produtos farmoquímicos	R\$ 1.331,71	R\$ 1.482,21	111,3%
Fabricação de medicamentos para uso humano	R\$ 3.750,15	R\$ 1.668,29	44,5%
Fabricação de medicamentos para uso veterinário	R\$ 1.009,35	R\$ 1.428,45	141,5%
Fabricação de preparações farmacêuticas	R\$ 1.010,96	R\$ 924,25	91,4%
Total	R\$ 2.964,80	R\$ 1.575,08	53,1%
Nordeste	Homens	Mulheres	M/T
Fabricação de produtos farmoquímicos	R\$ 4.201,96	R\$ 4.833,48	115,0%
Fabricação de medicamentos para uso humano	R\$ 1.643,12	R\$ 1.484,12	90,3%
Fabricação de medicamentos para uso veterinário	R\$ 1.473,24	R\$ 1.285,01	87,2%
Fabricação de preparações farmacêuticas	R\$ 1.001,35	R\$ -	-
Total	R\$ 1.722,36	R\$ 1.586,50	92,1%
Sudeste	Homens	Mulheres	M/T
Fabricação de produtos farmoquímicos	R\$ 5.051,38	R\$ 5.082,81	100,6%
Fabricação de medicamentos para uso humano	R\$ 6.110,93	R\$ 4.436,45	72,6%
Fabricação de medicamentos para uso veterinário	R\$ 4.378,05	R\$ 3.137,93	71,7%
Fabricação de preparações farmacêuticas	R\$ 3.677,79	R\$ 2.706,02	73,6%
Total	R\$ 5.805,36	R\$ 4.318,03	74,4%
Sul	Homens	Mulheres	M/T
Fabricação de produtos farmoquímicos	R\$ 2.211,30	R\$ 1.499,93	67,8%
Fabricação de medicamentos para uso humano	R\$ 3.039,78	R\$ 1.927,31	63,4%
Fabricação de medicamentos para uso veterinário	R\$ 2.313,99	R\$ 1.739,46	75,2%
Fabricação de preparações farmacêuticas	R\$ 4.168,09	R\$ 2.669,29	64,0%
Total	R\$ 2.913,66	R\$ 1.911,92	65,6%
Centro-Oeste	Homens	Mulheres	M/T
Fabricação de produtos farmoquímicos	R\$ 3.162,00	R\$ 2.810,61	88,9%
Fabricação de medicamentos para uso humano	R\$ 2.967,11	R\$ 1.938,09	65,3%
Fabricação de medicamentos para uso veterinário	R\$ 2.140,44	R\$ 1.572,16	73,5%
Fabricação de preparações farmacêuticas	R\$ 3.653,33	R\$ 3.153,92	86,3%
Total	R\$ 2.960,27	R\$ 1.971,50	66,6%
Brasil	Homens	Mulheres	M/T
Fabricação de produtos farmoquímicos	R\$ 4.562,09	R\$ 4.309,44	94,5%
Fabricação de medicamentos para uso humano	R\$ 5.146,18	R\$ 3.655,46	71,0%
Fabricação de medicamentos para uso veterinário	R\$ 4.062,18	R\$ 2.897,70	71,3%
Fabricação de preparações farmacêuticas	R\$ 3.729,50	R\$ 2.679,33	71,8%
Total	R\$ 4.983,16	R\$ 3.612,75	72,5%

Fonte: RAIS/2013 – Ministério do Trabalho e do Emprego

MOVIMENTAÇÃO DOS TRABALHADORES/AS EM 2014

Os dados de movimentação do CAGED, Cadastro geral de empregados e desempregados, entre janeiro e dezembro de 2014, informam que no período 30.372 trabalhadores/as foram admitidos/as, contra 27.015 demissões.

Tabela 14 - Movimentação de empregos na indústria farmacêutica, 2014

Segmentos da Indústria Farmacêutica	Admitidos	Desligados	Saldo
Fabricação de Produtos Farmoquímicos	1.969	1.686	283
Fabricação de Medicamentos para Uso Humano	25.147	22.614	2.533
Fabricação de Medicamentos para Uso Veterinário	2.716	2.259	457
Fabricação de Preparações Farmacêuticas	540	456	84
Total	30.372	27.015	3.357

Fonte: CAGED/2014 - Ministério do Trabalho e Emprego

Neste sentido, foram abertos 3.357 novos postos formais de trabalho na indústria farmacêutica em 2014, o saldo positivo entre admitidos e desligados ocorreu em todos os segmentos.



BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANVISA. Lista de estatísticas. Disponível em:

<http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/anvisa+portal/anvisa/inicio/medicamentos/publicacao+medicamentos/lista+de+estatisticas+-+genericos>

BNDES. Complexo Industrial da Saúde. O novo cenário de concorrência na indústria farmacêutica Brasileira. BNDES Setorial 39, p. 97-134.

http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set3903.pdf

CAGED . 2014. Ministério do Trabalho e do Emprego.

<http://www.mte.gov.br/>

Observatório de la Economía Latinoamericana. Demanda da Indústria Farmacêutica: um estudo sobre a demanda visando alcançar vantagem competitiva

<http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/12/smc.html>

PUC. Rio. Visão Geral do Mercado Farmacêutico.

http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/6991/6991_4.PDF

SPITZ, Janet & WICKHAM, Mark. Pharmaceutical High Profits: The value of R& D, or Oligopolistic Rents?

[file:///F:/Kingston/Disco%20remov%C3%ADvel%20\(F\)/CNQ/2014/ESTUDOS/Spitz%20-%20Pharmaceutical%20High%20Profits.pdf](file:///F:/Kingston/Disco%20remov%C3%ADvel%20(F)/CNQ/2014/ESTUDOS/Spitz%20-%20Pharmaceutical%20High%20Profits.pdf)

PWC. O setor Farmacêutico no Brasil. Panorama de mercado e tendências.

http://www.pwc.com.br/pt_BR/br/publicacoes/setoresatividade/assets/saude/pharma-13.pdf

SINDUSFARMA.

http://sindusfarma.org.br/cadastro/index.php/site/ap_home

RAIS. 2014. Ministério do Trabalho e do Emprego.

<http://www.mte.gov.br/>

Confederação Nacional do Ramo Químico da CUT (CNQ-CUT)

Rua Coronel Xavier de Toledo, 99 - 6º Andar - Conjunto 11

Cep: 01048-100 - Anhangabaú - São Paulo- SP

cnq@cnq.org.br

11 3129-4989

imprensa@cnq.org.br

11 3235-4989

